A REDE VIÁRIA MEDIEVAL DA REGIÃO DA BEIRA: METODOLOGIAS DE UM CAMINHO A PERCORRER

CÉSAR GUEDES*

Resumo: *O presente texto apresenta as metodologias desenvolvidas no âmbito do projeto de investigação doutoral* Vias e pontes medievais no centro de Portugal. O espaço das Beiras*, dedicado ao estudo da rede viária medieval da região beirã e a sua relação com a estruturação deste território entre os séculos X e XV. O trabalho centra-se na construção de instrumentos de investigação que permitam integrar e analisar informação proveniente de fontes documentais, cartografia histórica, toponímia, bases de dados patrimoniais e trabalho de campo. A sistematização dos dados em bases de dados relacionais e a sua representação em ambiente SIG constituem os principais eixos metodológicos do projeto, possibilitando a reconstrução dos itinerários, a identificação dos pontos de atravessamento fluvial e a análise da sua relação com a organização do território. A utilização de fontes modernas, nomeadamente as* Memórias Paroquiais *de 1758, o* Roteiro Terrestre de Portugal *e o* Reportório Toponímico de Portugal*, permite complementar a informação medieval através de uma abordagem retrospetiva. Procura-se, assim, evidenciar o potencial associado ao cruzamento destas fontes para o estudo das dinâmicas de circulação medieval e para a construção de atlas históricos do território.*

Palavras-chave: *rede viária medieval; Beiras; SIG; cartografia; pontes medievais; atlas histórico do território.*

Abstract: *This paper presents the methodologies developed within the doctoral research project* Vias e pontes medievais no centro de Portugal. O espaço das Beiras*, dedicated to the study of the medieval road network of the Beiras region and the territorial organisation of this area between the 10th and 15th centuries. The research focuses on the development of methodological tools capable of integrating and analysing information derived from documentary sources, historical cartography, toponymy, heritage databases, and fieldwork. The systematisation of data through relational databases and their representation within a GIS environment constitute the project's main methodological framework, enabling the reconstruction of routes, the identification of river crossing points, and the analysis of their relationship with territorial organisation. The use of early modern sources, namely the* Memórias Paroquiais *(1758), the* Roteiro Terrestre de Portugal *and the* Reportório Toponímico de Portugal*, complements medieval evidence through a retrospective approach. The study thus seeks to highlight the potential of combining these sources for investigating patterns of medieval mobility and circulation, as well as for the construction of historical atlases of the territory.*

Keywords: *medieval road network; Beiras; GIS; cartography; medieval bridges; historical atlas of the territory.*

APRESENTAÇÃO

O texto que se apresenta foi elaborado para uma exposição oral e redigido em tom coloquial, de comunicação direta com a assistência presente na mesa-redonda do Encontro *Herança e Dinâmicas das Estruturas Administrativo-Territoriais: da Europa*

* FLUP/CITCEM (UID/04059/2025; DOI: https://doi.org/10.54499/UID/04059/2025). FCT – PhD Scholarship reference 2024.00692.BD. Email: cesarlguedes@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5481-163X.

Medieval à Atualidade, intitulada *Fronteiras e administração – contributos para um Atlas do Território*. As linhas que se seguem não deverão ser formalmente encaradas como um texto em que se apresentam resultados científicos, mas antes o processo e o caminho que procuramos percorrer e que nos conduzirão a esses dados.

O tema em discussão reveste-se de uma atualidade premente e insere-se numa prática que o CITCEM tem vindo a incentivar, a de constituição de plataformas de dados patrimoniais e posterior disponibilização pública destas ferramentas de investigação, visando constituir um Atlas do Território.

O convite que nos foi dirigido, para partilhar as metodologias que temos utilizado na nossa investigação, implicou que sistematizássemos as principais ideias e ferramentas que temos aplicado no desenvolvimento do projeto de investigação intitulado *Vias e pontes medievais no centro de Portugal. O espaço das Beiras*, nomeadamente a conversão dos dados recolhidos em bases de dados pesquisáveis e inter-relacionáveis e, por fim, a sua apresentação gráfica/cartográfica.

1. O PROJETO DE INVESTIGAÇÃO

O projeto *Vias e pontes medievais no centro de Portugal. O espaço das Beiras* centra-se no estudo da rede viária da região beirã e da sua relação com a estruturação deste território entre os séculos X e XV. A região estende-se desde o rio Douro, que lhe serve de limite norte, e acompanha toda a raia seca até ao rio Tejo. O limite sul da área de estudo acompanha o Tejo por alguns quilómetros e segue depois pela encosta sul da serra de Aire e Candeeiros até ao Atlântico, que lhe serve de limite oeste.

O estudo das vias medievais tem conhecido contributos importantes. Porém, a análise destes monumentos tem tido por base uma perspetiva historiográfica que não tem sido complementada por uma leitura arqueológica. O nosso contributo para o estudo da rede viária medieval tem, assim, como objetivos:

- Realizar um levantamento das referências a pontes, vias, barcas de passagem, portos, albergarias e hospitais, nas fontes documentais impressas e na cartografia histórica;
- Inventariar as pontes e vias da região beirã;
- Analisar as técnicas construtivas dos monumentos e afinar a sua cronologia relativa, cotejando-as com as referências documentais;
- Registar as siglas dos pedreiros e inferir quadros de circulação;
- Sistematizar os dados recolhidos e gerar cartografia em ambiente SIG;
- Analisar os dados a partir de uma perspetiva de ocupação do território: os traçados das vias e os locais de atravessamento dos rios;
- Relacionar a rede viária com a localização das estruturas militares e com os percursos de exércitos invasores;

- Sobrepor a cartografia com as vias romanas, assinalando os itinerários que se mantiveram em uso durante a Idade Média, mas também com a cartografia histórica (das estradas anteriores ao fontismo), analisando-se de forma retrospetiva as transformações ocorridas. Valorizar-se-ão as descontinuidades e as leituras que a constituição de novas rotas de circulação medievais nos poderá aportar.



Fig. 1. Mapa com a representação da área em estudo
Autor: César Guedes

2. AS BASES DE DADOS

Tendo por base os objetivos enunciados anteriormente, foram desenhados vários sistemas agregadores de informação, inter-relacionáveis e que procuram sintetizar as referências documentais medievais e cruzá-las com as diferentes informações já conhecidas sobre os monumentos.

As bases de dados idealizadas foram geradas num programa denominado FileMaker, pois este permite definir o arranjo gráfico dos formulários, tornando mais fácil e confortável o seu preenchimento. Além disso, permite a exportação dos dados em vários formatos, como por exemplo CSV (valores separados por vírgulas), que é fundamental para o carregamento dos dados para a produção cartográfica nos programas de SIG (Sistema de Informação Geográfica).

No total foram desenhadas seis bases de dados[1]:

1. Referências documentais — consiste em seis formulários de preenchimento. O principal, denominado *Documentos*, compila e transcreve as referências documentais e tem atalhos diretos para formulários específicos relativos a Pontes, Vias, Portos, Barcas e Albergarias;
2. Ficha de registo de campo — consiste em dois formulários, um para Pontes e outro para as Vias;
3. Ficha de sistematização de dados disponibilizados em linha — consiste em apenas um formulário, relativo aos monumentos da área em estudo, que compila as informações provenientes da base de dados *Endovélico*[2], disponível no *Portal do Arqueólogo*, e do *SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico*[3];
4. Bibliografia — consiste em dois formulários, um especificamente dedicado às referências bibliográficas, no qual consta um atalho para um formulário denominado ficha de leitura;
5. Memórias Paroquiais — consiste em dois formulários: um para a transcrição parcial da Memória, no qual existe um atalho para outro formulário, dedicado à tipologia das passagens referidas;
6. Reportório Toponímico de Portugal — consiste em um formulário que sintetiza a informação toponímica relativa à rede viária na área de estudo, publicada no *Reportório Toponímico de Portugal.*

[1] A base de dados referente à bibliografia e fichas de leitura não será tratada neste trabalho.
[2] Endovélico – Sistema de Informação e Gestão Arqueológica. *Portal do Arqueólogo* [em linha]. Património Cultural, I.P. – Ministério da Cultura, 2013 [consult. 2021-01-21]. Disponível em: https://arqueologia.patrimoniocultural.pt.
[3] SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. *Home page* [em linha]. Direção-Geral do Património Cultural – Ministério da Cultura, 2001-2016 [consult. 2021-01-21]. Disponível em: https://www.monumentos.gov.pt.

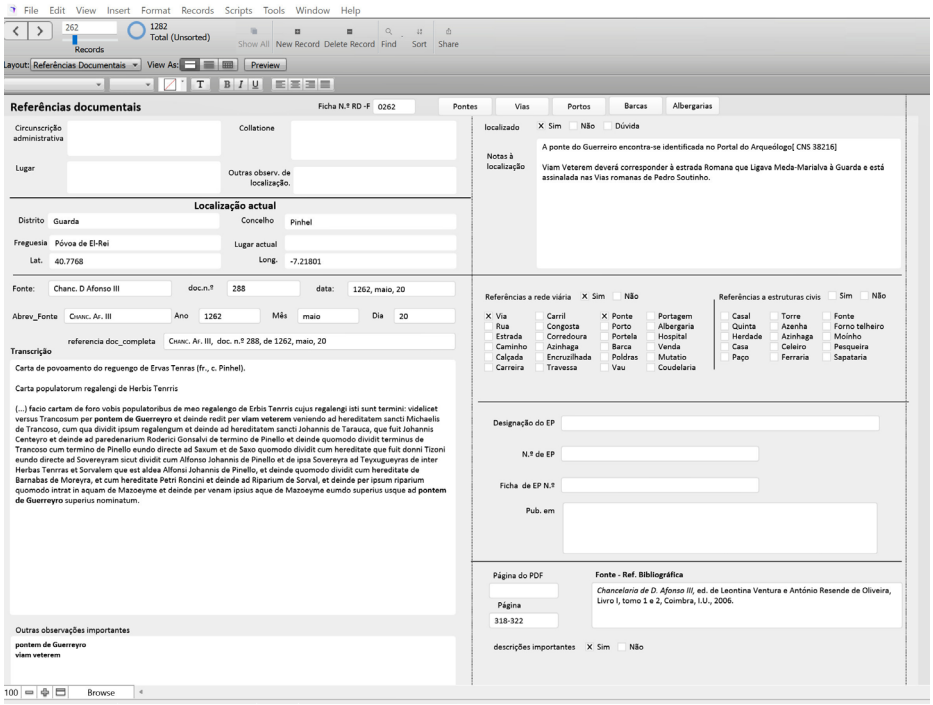


Fig. 2. Ficha de registo de referências documentais
Fonte: César Guedes

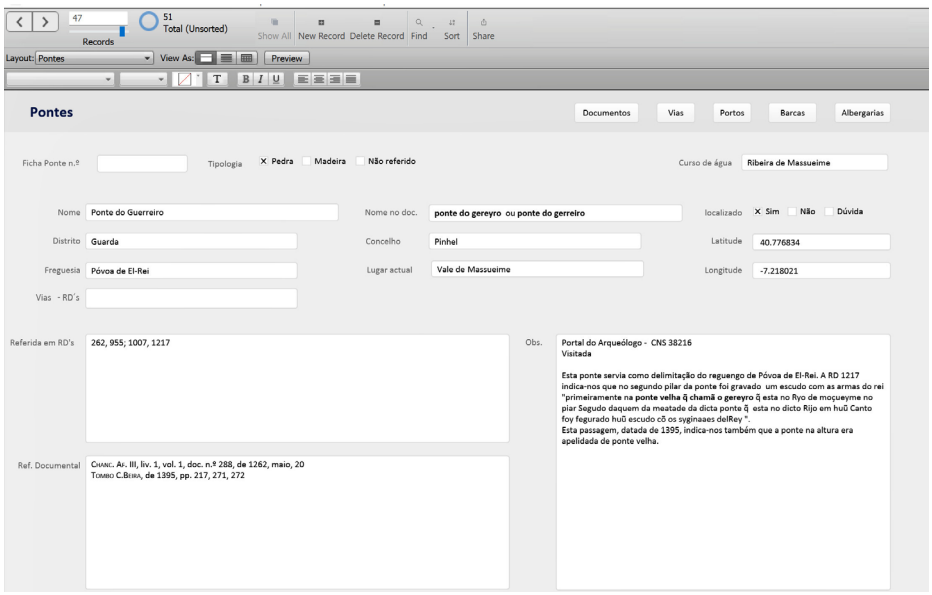


Fig. 3. Ficha de registo de referências documentais – formulário referente ao registo de pontes
Fonte: César Guedes

A base de trabalho principal é a estrutura de dados pensada para compilar as referências documentais. Será a partir desta base de dados que sistematizaremos todas as referências documentais, bem como a sua eventual localização. Este repositório de dados subdivide-se em formulários específicos, dedicados exclusivamente a cada uma das seguintes categorias: pontes; vias; portos; barcas e albergarias, que são preenchidos em simultâneo com a ficha documentos.

Na ficha de pontes assinala-se a tipologia do monumento, o nome que lhe é atribuído pelo documento, a sua localização, o curso de água sobre o qual foi lançado e os documentos onde é referido. A ficha prevê ainda um pequeno campo de observações.

A ficha de vias mantém a mesma lógica de organização, mas inclui informação sobre quais as pontes, albergarias ou portos se encontram no seu itinerário. Inclui ainda campos sobre quem é responsável pela administração da via, e um espaço para indicar se o documento lhe atribui alguma cronologia relativa (mourisca, nova, *antiqua*, *vetera*, entre outras).

O denominador comum a todos estes formulários é o n.º de RD (referência documental) apresentado na base de dados principal e referido em cada um dos restantes formulários. Deste modo, ficamos com o registo de todas as referências documentais a cada um dos monumentos identificados e ficamos a saber o período de tempo em que é referido documentalmente.

Esta fase do trabalho ainda se encontra em curso e a base de dados conta, até ao momento, com cerca de 1282 entradas. O número de referências é muito maior, pois a informação que temos reunida mas que ainda não se encontra inserida é superior à que já se encontra sistematizada.

Estas ferramentas permitem, posteriormente, integrar de forma crítica fontes de cronologia distinta, nomeadamente de Época Moderna, fundamentais para uma leitura retrospetiva da rede viária medieval.

Mas comecemos por apresentar as fontes de investigação de Época Moderna, que nos vão ajudar, a partir de uma perspetiva retrospetiva, na identificação da rede viária medieval.

3. FONTES DE INVESTIGAÇÃO DE ÉPOCA MODERNA

Para a caracterização das pontes e vias de Época Moderna (do período anterior ao fontismo) recorremos, sobretudo, a três fontes de investigação. Em primeiro lugar, sistematizamos a informação relativa a pontes e outras passagens incluídas nas *Memórias Paroquiais*, referentes aos distritos de Aveiro e Coimbra; Castelo Branco, Portalegre; Guarda; Leiria e Santarém; Porto e Viseu, seguindo as transcrições das edições preparadas por José Viriato Capela, Henrique Matos, Sandra Castro e Rogério Borralheiro, editadas entre 2009 e 2021. Apoiamo-nos também na edição de 1763 do *Roteiro Terrestre de Portugal*, de João Bautista de Castro, incluído na quinta parte do tomo terceiro

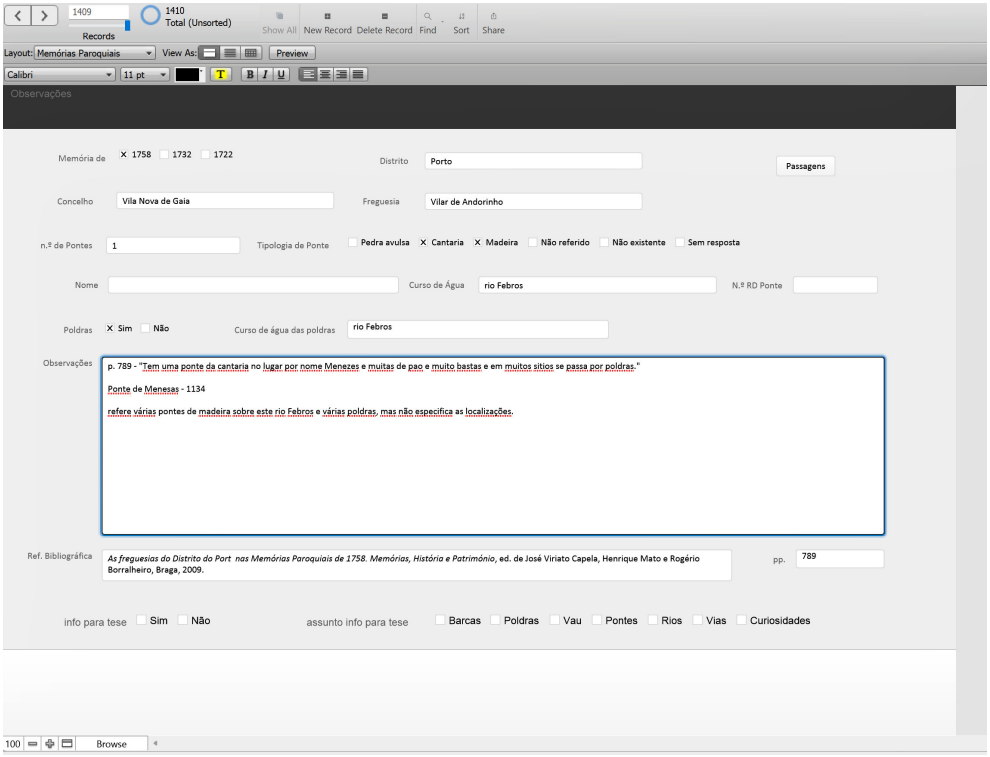


Fig. 4. Ficha de registo Memórias Paroquiais – formulário referente à Memória
Fonte: César Guedes

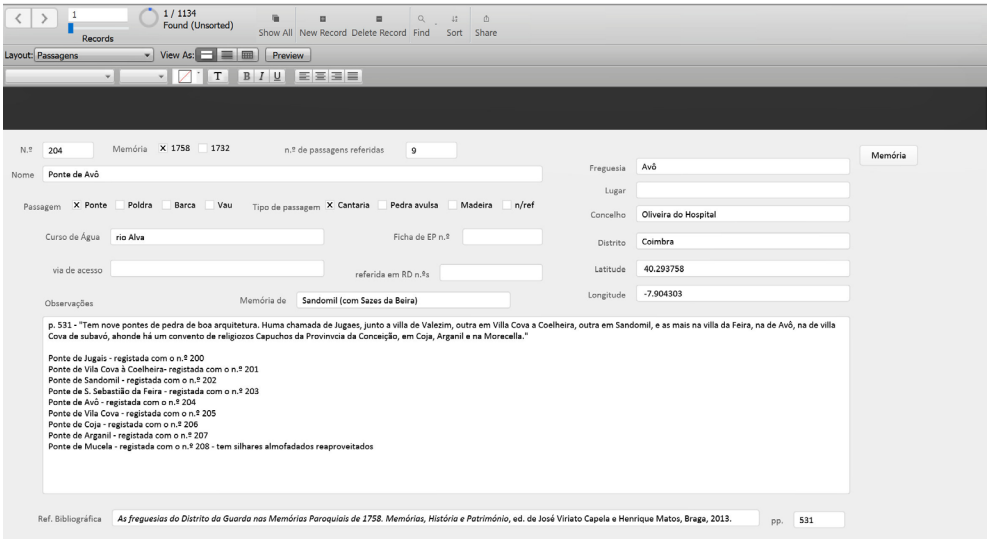


Fig. 5. Ficha de registo Memórias Paroquiais – formulário referente à tipologia de passagens
Fonte: César Guedes

do *Mappa de Portugal Antigo e Moderno,* inicialmente publicado em 1748, mas com sucessivas edições que se estendem até 1844 (Matos 1980, p. 25). Cartograficamente tivemos em atenção o *Mapa general del reyno de Portugal*, de Tomás Lopes, datado de 1782, e a *Carta militar das principaes estradas de Portugal*, de 1808.

Para sistematizar a informação contida nas *Memórias Paroquiais* foram desenhadas duas fichas de registo: a primeira refere-se à memória propriamente dita e nela se regista a localização, o número de passagens referidas, as linhas de água e se transcreve parcialmente o texto (geralmente corresponde à décima quinta questão do terceiro inquérito; porém, em várias das memórias existe informação importante dispersa ao longo do texto, a qual também tivemos em consideração). A segunda ficha foi criada tendo em consideração que ao longo das *Memórias*, por vezes são referidas diferentes tipologias de passagem no mesmo território e não seria operativo registar toda esta informação num mesmo formulário. Tornou-se, por isso, necessário criar uma ficha única para cada tipo de passagem referida, nomeadamente se se tratava de uma ponte, barca, poldra ou passagem a vau. Neste segundo formulário atribuiu-se um número único e irrepetível a cada monumento e sistematizou-se a informação possível, registando-se a sua tipologia, localização, o curso de água e em que *Memória* é que é referida.

De notar que, por vezes, a mesma passagem é referida em diferentes *Memórias* e ao registar e cartografar os monumentos tivemos o cuidado redobrado de não duplicar informação.

Este trabalho de sistematização de informação permitiu identificar e cartografar um total de 1086 passagens sobre linhas de água, distribuindo-se da seguinte forma:

Pontes — 1022 referências, correspondendo a 325 pontes de cantaria; 171 pontes de pedra; 27 pontes de construção mista — pedra e madeira — e 499 pontes de madeira (ressalvamos que o número de pontes de madeira seria significativamente superior. Em algumas memórias refere-se a existência de várias pontes de madeira, mas o seu número exato e as suas localizações não são especificados. Nestes casos, optámos por registar apenas uma, sofrendo a amostra por defeito e não por excesso)[4].

Barcas de passagem — 27 referências a barcas ou barqueiros.

Poldras — 31 referências. Todavia, tal como acontece nas referências às pontes de madeira, em várias situações o memorialista não indica a localização ou o número de poldras existentes, referindo apenas que são várias e, por isso, optámos por registar apenas uma ocorrência.

Passagem a vau — 6 referências a este tipo de passagem.

Apresentam-se de seguida, de forma sucinta, os resultados cartográficos deste trabalho:

[4] A título de exemplo referimos apenas este pequeno trecho da *Memória* de Rio de Couros (c. Ourém), «Tem varios assudes, reprezas e levadas, algumas pontes, mas de pao, e de pouca entidade, respective ao mesmo rio». Mem. Paroq. 1758 (2021), p. 561.

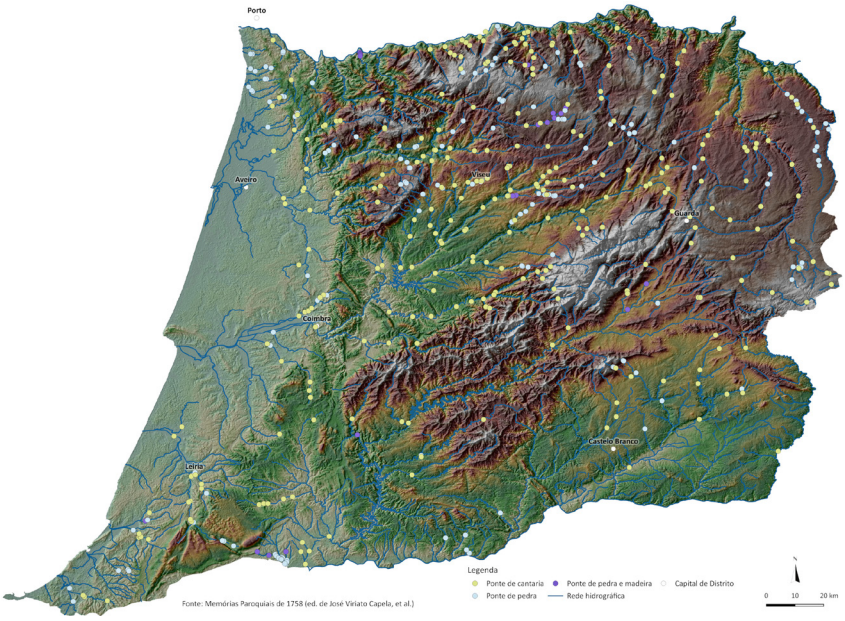


Fig. 6. Mapa onde se assinalam as pontes de cantaria, de pedra e de pedra e madeira referidas nas *Memórias Paroquiais*
Autor: César Guedes

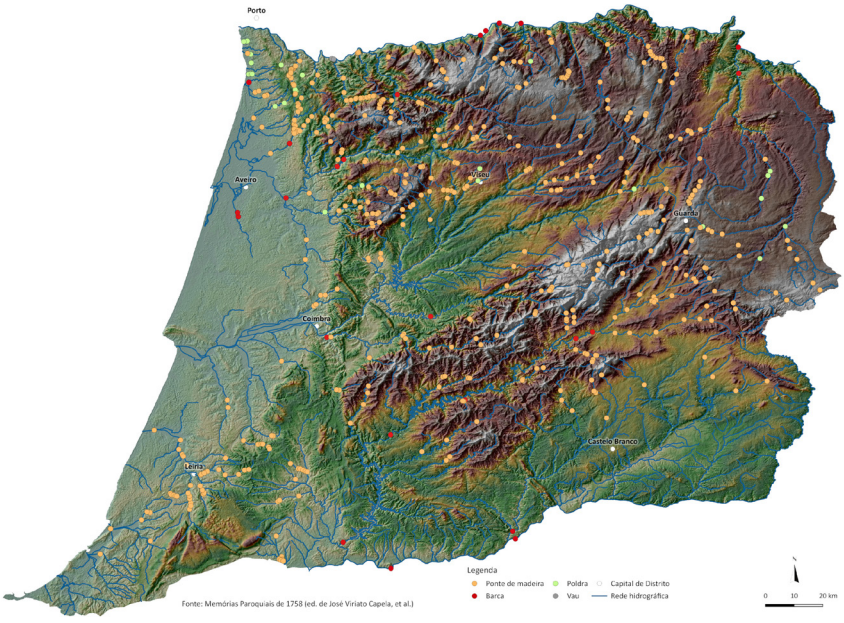


Fig. 7. Mapa onde se assinalam as pontes de madeira, as barcas, as poldras e as passagens a vau referidas nas *Memórias Paroquiais*
Autor: César Guedes

Tabela 1. Quadro resumo das passagens fluviais referidas nas Memórias Paroquiais

Passagem	Total
Barca	27
Poldra	31
Passagem a vau	6
Ponte de cantaria	325
Ponte de pedra	171
Ponte de madeira	499
Ponte de pedra e madeira	27
Total de passagens	**1086**

Autor da sistematização: César Guedes

Relativamente à rede viária, para a definição e desenho dos caminhos medievais partiremos de dois pontos distintos: um mais antigo, de Época Romana, e um mais recente, de Época Moderna. Ao analisar a documentação medieval e ao cartografar as informações recolhidas teremos em perspetiva estas duas importantes linhas de orientação.

Para o registo da rede viária romana utilizámos como ferramenta-base a informação disponível no sítio www.viasromanas.pt[5], adaptando-a à nossa área de estudo[6]. Seguimos também outros trabalhos de investigação, sobretudo de Jorge de Alarcão e de Vasco Mantas[7].

Para a Época Moderna, a base de trabalho consistiu na representação cartográfica das informações constantes do *Roteiro Terrestre de Portugal*, de João Bautista de Castro. Começámos por identificar e cartografar as povoações ou locais referidos e avançámos depois com o desenho das vias. Verificámos que alguns dos topónimos referidos nos itinerários perderam importância e já não se encontram registados na cartografia atual. Porém, na maioria das situações, esta dificuldade foi ultrapassada uma vez que o *Roteiro* contém informação sobre a distância a percorrer entre as diferentes localidades e a identificação dos topónimos referidos imediatamente antes e logo a seguir ao topónimo desaparecido conduz ao itinerário correto.

[5] Vias Romanas em Portugal. Itinerários. *Home page* [em linha]. © Copyright Pedro Soutinho, 2004-2026 [consult. 2021-01-21]. Disponível em: www.viasromanas.pt.

[6] Agradecemos a Pedro Soutinho a generosidade na disponibilização do acesso à cartografia.

[7] Entre os inúmeros trabalhos destes autores que teremos em atenção, destacamos os seguintes: Alarcão 1993; Alarcão 2002; Alarcão 2008; Alarcão 2012; Alarcão 2013 e Alarcão 2015; Mantas 1996 e Mantas 1997.

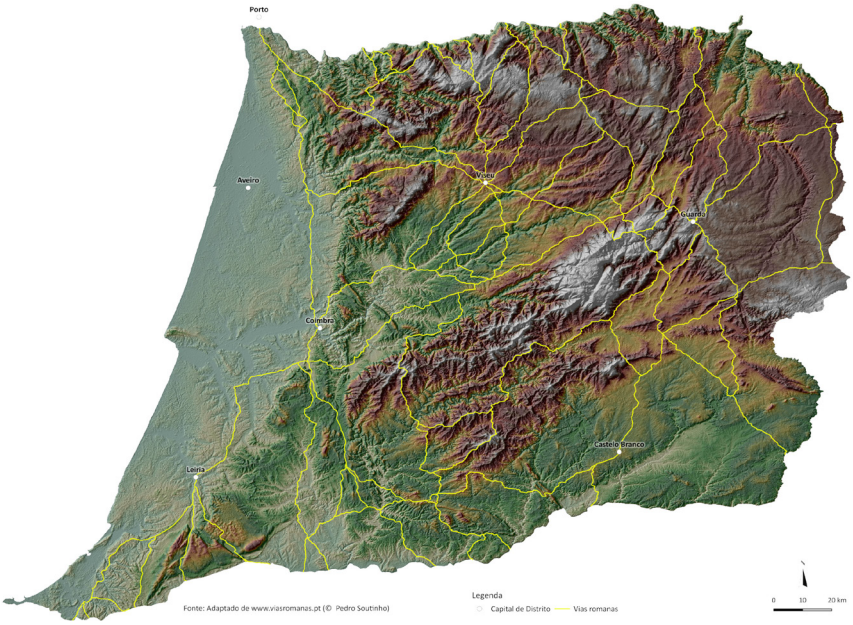


Fig. 8. Mapa onde se assinala a rede viária romana
Adaptado por César Guedes, a partir de www.viasromanas.pt

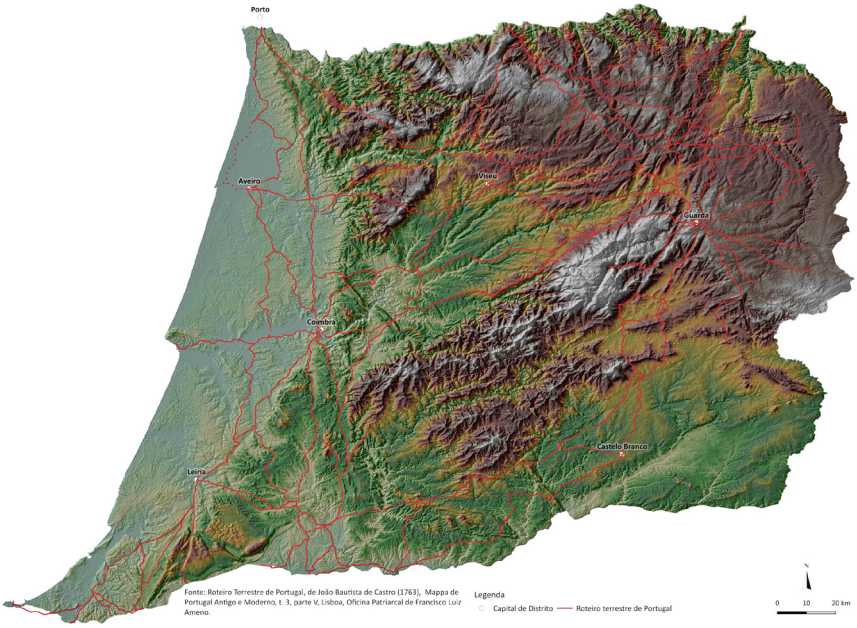


Fig. 9. Mapa onde se assinala a rede viária referida no *Roteiro Terrestre de Portugal*
Autor: César Guedes

Ainda assim, reforçando a necessidade de suprir eventuais dificuldades na identificação de topónimos desaparecidos e procurando também ter uma perspetiva sobre a realidade toponímica viária recorremos ao *Reportório Toponímico de Portugal*. Este trabalho inventaria os nomes das terras e dos lugares que se encontravam representados nas cartas militares, escala 1:25000, até ao ano de 1967. No total, os três volumes desta edição registam 165 710 topónimos. Apenas compilámos e cartografámos as referências à rede viária, incluindo as referências indiretas. Depois de devidamente filtradas as repetições dos mesmos topónimos, registámos um total de 2938 referências à rede viária[8]. As Figuras 10 a 13 ilustram a paisagem toponímica viária da área de estudo.

Tabela 2. Quadro resumo das categorias de toponímia viária presentes no *Reportório Toponímico de Portugal*

Categoria	N.º de topónimos	Percentagem
Albergaria/Hospital	41	1,40%
Barca	54	1,84%
Paragens/Descanso	113	3,85%
Poldras	7	0,24%
Pontes	728	24,78%
Portela ou Passagem	361	12,29%
Porto	322	10,96%
Vau	10	0,34%
Venda	90	3,06%
Vias	396	13,48%
Meio de transporte	37	1,26%
Referência a distâncias	26	0,88%
Referência indireta a albergarias/hospitais	10	0,34%
Referência indireta a barcas	77	2,62%
Referência indireta a paragens/descanso	29	0,99%
Referência indireta a poldras	18	0,61%
Referência indireta a pontes	145	4,94%
Referência indireta a portela/passagem	113	3,85%
Referência indireta a porto	112	3,81%
Referência indireta a vau	3	0,10%
Referência indireta a venda	17	0,58%
Referência indireta a vias	229	7,79%
Total	**2938**	**100%**

Autor da sistematização: César Guedes

[8] Ao cartografar os topónimos sobre as cartas militares atuais, verificamos que, por vezes, na mesma área existem dois ou mais topónimos iguais, referentes ao mesmo local. De igual modo, as povoações ou estruturas que se localizam nos limites da cartografia e a sua representação se estende por mais do que um mapa têm também o seu topónimo duplicado. Foi necessário analisar caso a caso esta situação e remover as repetições.

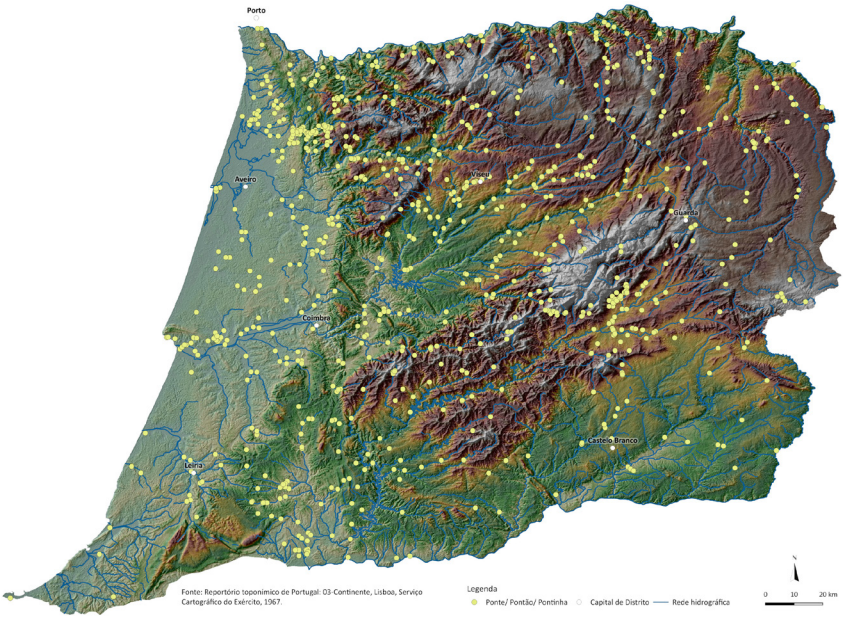


Fig. 10. Mapa onde se assinala a toponímia referente a pontes, pontão, pontinha e outras designações, no *Reportório Toponímico de Portugal*
Autor: César Guedes

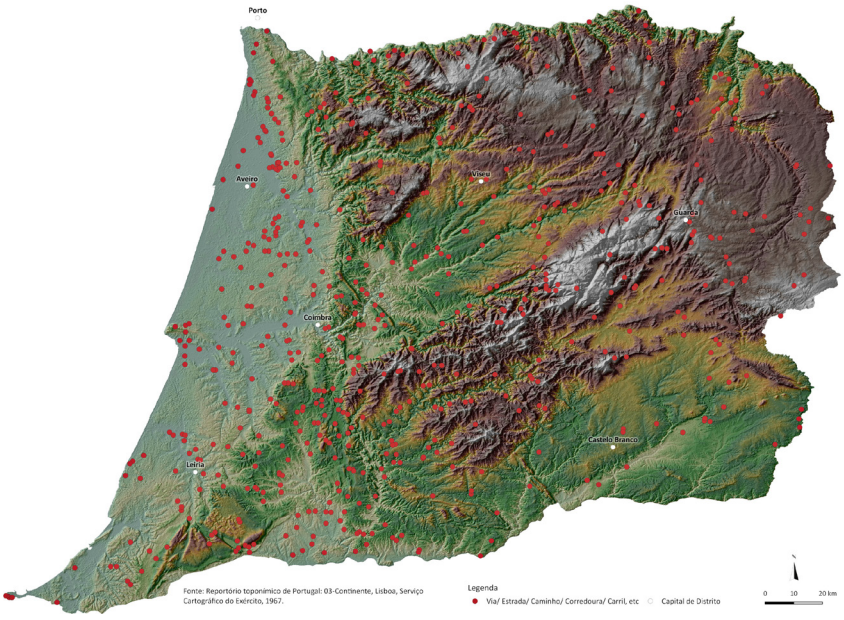


Fig. 11. Mapa onde se assinala a toponímia referente a estrada, caminho, corredoura, carril, e outras designações, no *Reportório Toponímico de Portugal*
Autor: César Guedes

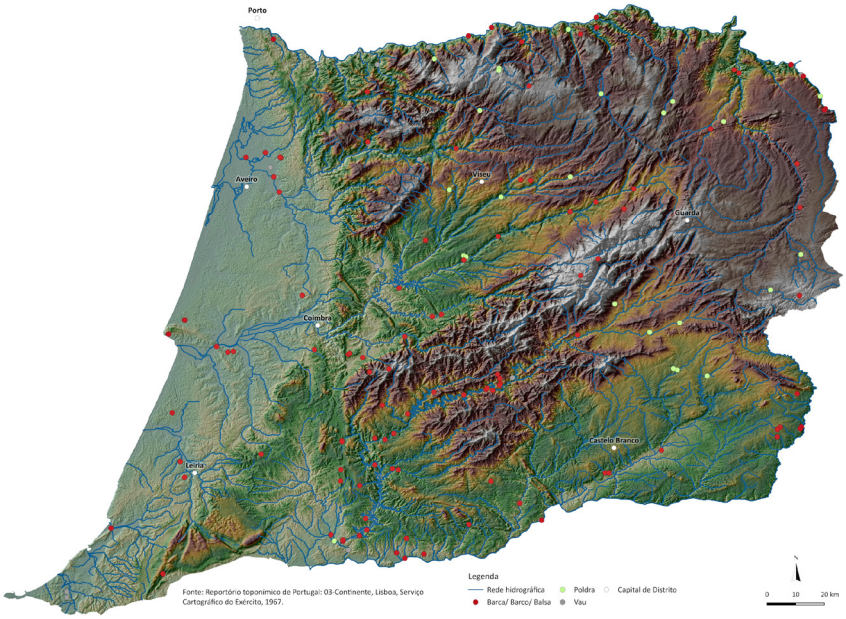


Fig. 12. Mapa onde se assinala a toponímia referente a barca, barco, balsa e poldra, entre outras designações, no *Reportório Toponímico de Portugal*
Autor: César Guedes

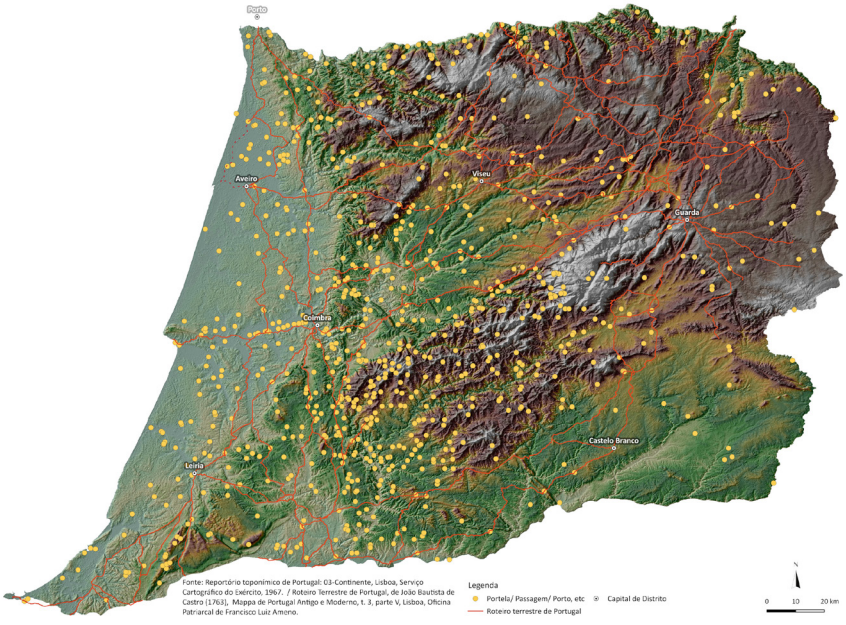


Fig. 13. Mapa onde se assinala a toponímia referente a portela, porto ou passagem, entre outras designações, no *Reportório Toponímico de Portugal*
Autor: César Guedes

Note-se, na Figura 13, a forma como a densidade de topónimos relativos a portela, porto ou passagem preenche os espaços destituídos de rede viária principal e denuncia uma intricada rede de caminhos secundários que não são mencionados no *Roteiro*.

Ao desenhar os itinerários referidos no *Roteiro Terrestre*, tivemos ainda em atenção a localização das pontes referidas nas *Memórias Paroquiais* e apoiámo-nos também em cartografia histórica que, nos casos de dúvida sobre onde passariam as vias, nos dissipou algumas questões. A título de exemplo, recorremos frequentemente, entre outras representações, à *Carta militar das principaes estradas de Portugal*, de 1808. Estas três fontes são cronologicamente muito próximas, o *Roteiro* data de 1749 (usamos a edição de 1763), as *Memórias Paroquiais* são de 1758 e a cartografia histórica é de 1808.

A base deste trabalho de registo foram as *Cartas Militares de Portugal*, série M888, utilizadas para a identificação das localidades e também como suporte de base no desenho das vias em ambiente SIG[9].

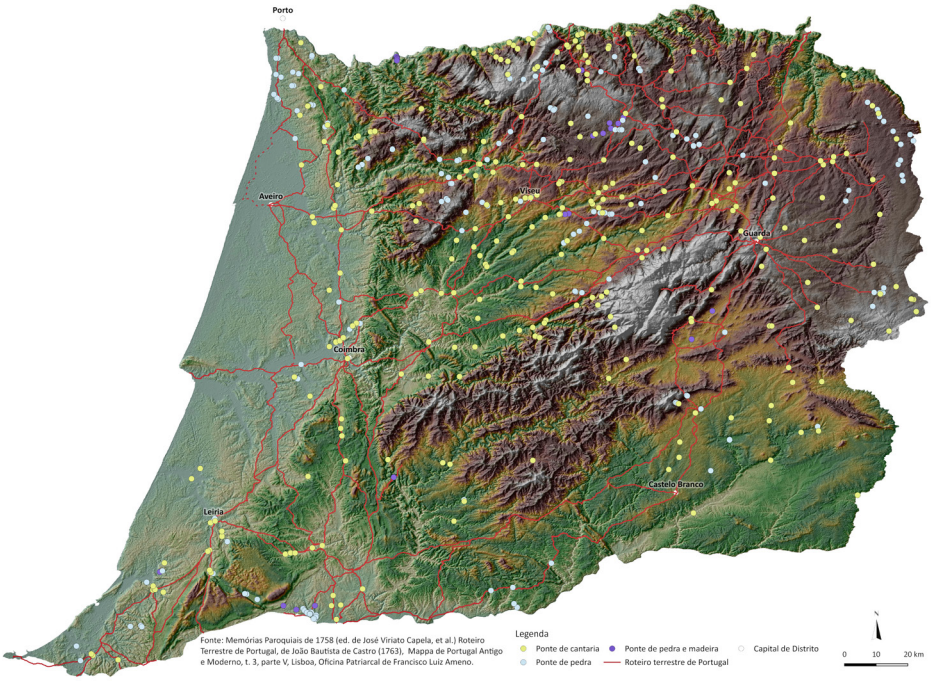


Fig. 14. Mapa onde se assinala a rede viária indicada no *Roteiro Terrestre de Portugal* e as pontes de pedra referidas nas *Memórias Paroquiais*
Autor: César Guedes

[9] Utilizámos sobretudo as 2.ª e 3.ª edições das *Cartas Militares de Portugal*, publicadas entre os anos de 1992 e 2002. O *software* SIG utilizado foi o *QGIS*, versão 2.18 – Las Palmas.

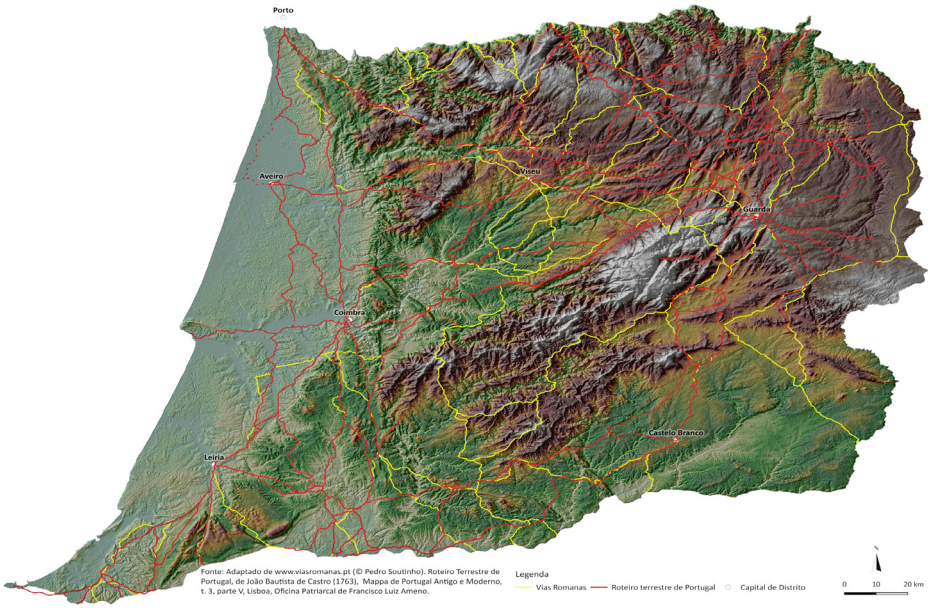


Fig. 15. Mapa onde se assinala a sobreposição da rede viária romana e os itinerários do *Roteiro Terrestre de Portugal*
Autor: César Guedes

A sobreposição dos dois itinerários (Romano e Moderno) é esclarecedora quanto à evolução da rede viária da região das Beiras.

4. TRABALHOS DE CAMPO

Os resultados cartográficos que temos vindo a apresentar e o cruzamento das informações de Época Moderna com alguns dos resultados já sistematizados relativos à Idade Média, juntamente com as informações disponibilizadas em repositórios de dados *online*, como o *Endovélico*, disponível no *Portal do Arqueólogo,* e o *SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico*, serviram-nos de base para elaborar uma lista de monumentos a caracterizar na fase relativa aos trabalhos de campo.

Os trabalhos de campo são uma componente fundamental do projeto de investigação que estamos a preparar, pois, como referimos, pretendemos analisar as técnicas construtivas dos monumentos e afinar a sua cronologia relativa, cotejando-as com as referências documentais, e também registar as siglas dos pedreiros e inferir quadros de circulação.

A área em estudo abrange um total de 29 620 km^2. As visitas aos monumentos iniciaram-se em maio de 2025 e, até ao momento, foi percorrido um pouco mais de metade desta área (18 159 km^2), tendo sido visitados e registados 236 monumentos. Muitas destas pontes e vias não são de cronologia medieval. Já o sabíamos antes de as

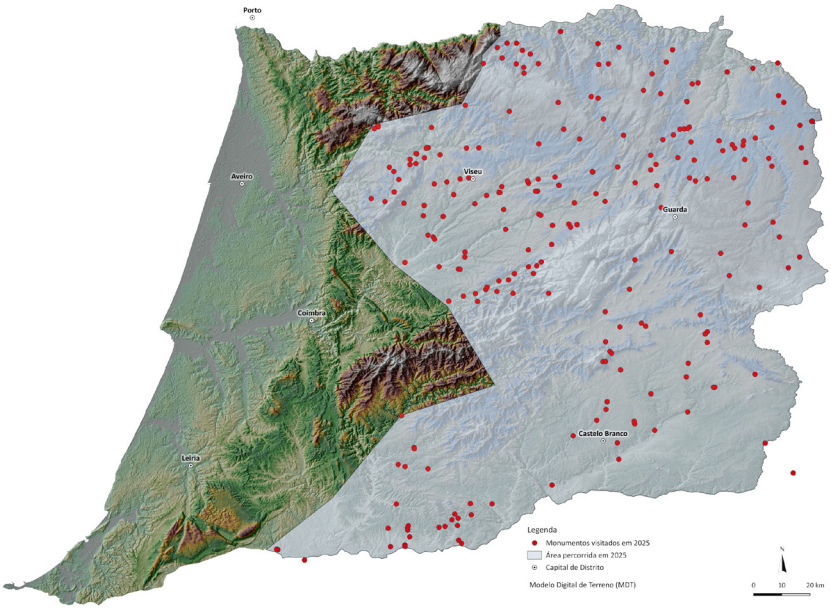


Fig. 16. Mapa onde se assinala a área de estudo percorrida e os monumentos visitados em 2025
Autor: César Guedes

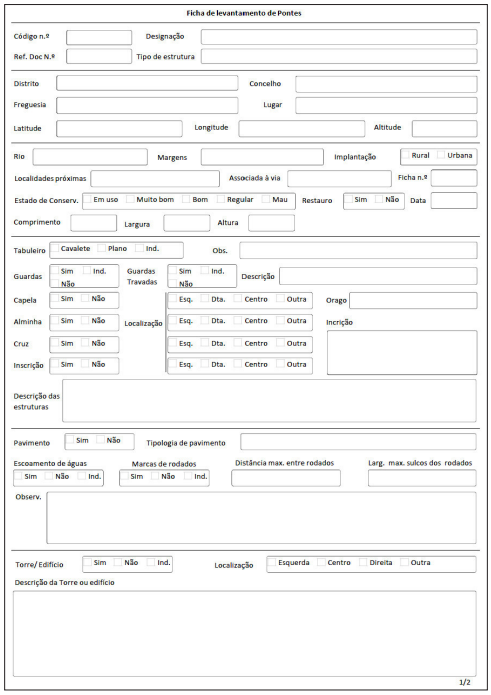
visitar, mas aproveitámos esta oportunidade para as caracterizar. A sua técnica construtiva pós-medieval servirá para contrastar e dar apoio na dissipação de dúvidas sobre intervenções nos monumentos de origem medieval.

Para compilar estas informações foi desenhada uma ficha de registo de campo, em que procurámos prever todas as características que as pontes poderão eventualmente conter e sistematizar essa informação de forma uniforme, facilitando assim, *a posteriori*, o tratamento e a análise dos dados recolhidos.

A ficha prevê a possibilidade de fazer o cruzamento com as informações da base de dados das referências documentais, através da utilização do n.º de Elemento Patrimonial (n.º de EP ou código do monumento).

Em alguns monumentos de grande dimensão ou de difícil acesso, em que não foi possível obter dados métricos fiáveis e em segurança, recorremos a levantamentos fotogramétricos, realizados com recurso a *drone*, que nos permitem reconstituir os monumentos tridimensionalmente, com elevado rigor de detalhe e com dados métricos fiáveis, que nos serão úteis durante o processamento dos dados recolhidos em campo[10]. Já após o início dos trabalhos, a Direção-Geral do Território disponibilizou

[10] Entre os monumentos que foram objeto de levantamentos tridimensionais contam-se os seguintes: Ponte da Ribeira de Aguiar (Escalhão) e Ponte de Vermiosa (c. Figueira de Castelo Rodrigo); Ponte de Malpartida (c. Almeida); Ponte da Lavandeira (c. Celorico da Beira); Ponte de Pinhel (c. de Pinhel); Ponte Velha da Cabreira (c. Guarda); Ponte de


Ficha de levantamento de Pontes

Código n.º | Designação
Ref. Doc N.º | Tipo de estrutura
Distrito | Concelho
Freguesia | Lugar
Latitude | Longitude | Altitude
Rio | Margens | Implantação: Rural / Urbana
Localidades próximas | Associada à via | Ficha n.º
Estado de Conserv.: Em uso / Muito bom / Bom / Regular / Mau | Restauro: Sim / Não | Data
Comprimento | Largura | Altura
Tabuleiro: Cavalete / Plano / Ind. | Obs.
Guardas: Sim / Não / Ind. | Guardas Travadas: Sim / Não / Ind. | Descrição
Capela: Sim / Não | Localização: Esq. / Dta. / Centro / Outra | Orago
Alminha: Sim / Não | Localização: Esq. / Dta. / Centro / Outra | Incrição
Cruz: Sim / Não | Localização: Esq. / Dta. / Centro / Outra
Inscrição: Sim / Não | Localização: Esq. / Dta. / Centro / Outra
Descrição das estruturas
Pavimento: Sim / Não | Tipologia de pavimento
Escoamento de águas: Sim / Não / Ind. | Marcas de rodados: Sim / Não / Ind. | Distância max. entre rodados | Larg. max. sulcos dos rodados
Observ.
Torre/ Edifício: Sim / Não / Ind. | Localização: Esquerda / Centro / Direita / Outra
Descrição da Torre ou edifício
1/2

Fig. 17. Ficha de registo de pontes
Autor: César Guedes

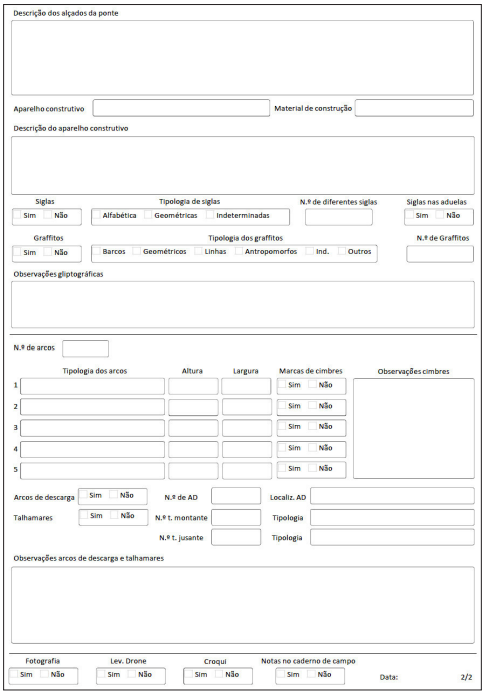

Descrição dos alçados da ponte
Aparelho construtivo | Material de construção
Descrição do aparelho construtivo
Siglas: Sim / Não | Tipologia de siglas: Alfabética / Geométricas / Indeterminadas | N.º de diferentes siglas | Siglas nas aduelas: Sim / Não
Graffitos: Sim / Não | Tipologia dos graffitos: Barcos / Geométricos / Linhas / Antropomorfos / Ind. / Outros | N.º de Graffitos
Observações gliptográficas
N.º de arcos
Tipologia dos arcos | Altura | Largura | Marcas de cimbres: Sim / Não | Observações cimbres
1
2
3
4
5
Arcos de descarga: Sim / Não | N.º de AD | Localiz. AD
Talhamares: Sim / Não | N.º t. montante | Tipologia
N.º t. jusante | Tipologia
Observações arcos de descarga e talhamares
Fotografia: Sim / Não | Lev. Drone: Sim / Não | Croqui: Sim / Não | Notas no caderno de campo: Sim / Não | Data:
2/2

Fig. 18. Ficha de registo de pontes
Autor: César Guedes



Fig. 19. Fotografia aérea da ponte e castelo de Vilar Maior
Autor: César Guedes

Vilar Maior e Ponte de Sequeiros (c. Sabugal); Ponte e Torre de Ucanha (c. Tarouca); Ponte do Fumo (c. de Tabuaço); Ponte de Segura (c. Idanha-a-Nova); Ponte Velha de Idanha-a-Velha (c. de Idanha-a-Velha); Ponte de Ferreiros do Dão (c. Tondela); Ponte de Alvôco das Várzeas (c. Oliveira do Hospital); Ponte de Sandomil (c. Seia); Ponte de Marnel (c. Águeda). A construção dos modelos tridimensionais teve como base o *software* Agisoft Metashape.

gratuitamente os levantamentos LiDAR para o nosso território[11]. Esta importante ferramenta não foi ainda por nós utilizada, mas será certamente um recurso imprescindível para a dissipação de algumas dúvidas que nos venham a surgir sobre os itinerários das vias.

Para terminar, não podemos deixar de mencionar uma outra dimensão da importância da realização de trabalhos de campo. A de conhecer e experienciar efetivamente o território e as pessoas que o habitam.

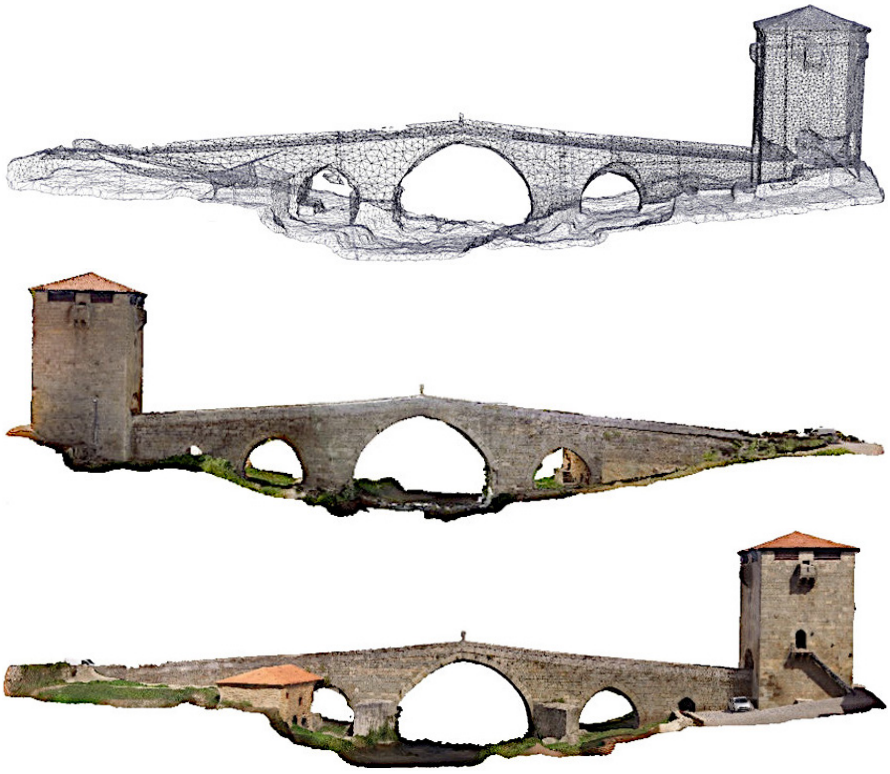


Fig. 20. Modelo tridimensional da ponte e torre de Ucanha (c. Tarouca)
Autor: César Guedes

Ao percorrê-lo, apercebemo-nos das dificuldades de circulação, das distâncias, da orografia do terreno que a cartografia, por mais precisa que seja, não nos permite sentir. Se no século XXI, com veículos motorizados, estradas nacionais, autoestradas e inúmeros pontos de apoio pelo caminho, sentimos o desgaste e as dificuldades da viagem, apenas poderemos entrever ao de leve as dificuldades sentidas em épocas anteriores…

[11] Os dados LiDAR para o território de Portugal continental estão disponíveis em: https://cdd.dgterritorio.gov.pt/dgt-fe/catalogos/colecoes?filter=LiDAR+-+Modelos+Digitais+do+Relevo.

CONCLUSÃO

O presente texto procurou expor o percurso metodológico seguido no estudo da rede viária medieval da região das Beiras, evidenciando as potencialidades resultantes do cruzamento entre fontes documentais, cartografia histórica, bases de dados estruturadas e trabalho de campo. Mais do que apresentar resultados conclusivos, que são ainda provisórios, pretendeu-se explicitar um processo de investigação em construção, no qual a sistematização da informação e a sua tradução cartográfica assumem um papel central na leitura das dinâmicas de circulação e de organização do território.

A integração dos dados em bases de dados inter-relacionáveis e a sua espacialização em ambiente SIG demonstram ser instrumentos fundamentais para uma leitura integrada da paisagem. A articulação entre vias, pontos de atravessamento fluvial e estruturas de apoio à circulação permitirá não apenas mapear percursos, mas interpretar a lógica da sua implantação e a relação com a orografia, os cursos de água, os centros de poder e as estratégias de controlo do espaço. Os trabalhos de campo, enquanto etapa indispensável do processo, contribuirão para validar hipóteses formuladas a partir da documentação e da cartografia, mas também para uma compreensão mais concreta e sensível do espaço, das distâncias e das dificuldades de circulação, dimensões que dificilmente se apreendem apenas através da análise cartográfica.

Neste contexto, a realização de atlas históricos do território assume particular relevância. Ao congregarem informação de natureza diversa — documental, arqueológica, cartográfica e toponímica — os atlas constituem ferramentas de síntese capazes de tornar inteligíveis processos históricos complexos e de longa duração. Para além do seu valor científico, estes instrumentos permitem visualizar relações espaciais, evidenciar dinâmicas de continuidade e rutura e criar modelos interpretativos passíveis de atualização e de reutilização por outros projetos de investigação. A sua construção implica, por isso, um esforço metodológico rigoroso, mas oferece em contrapartida um elevado potencial analítico e heurístico.

Por fim, importa sublinhar que os atlas históricos do território ultrapassam o domínio estritamente académico. A sua disponibilização pública contribui para a valorização do património, para o reforço da relação das comunidades com o espaço que habitam e para uma leitura mais informada das paisagens herdadas. Conhecer o território implica também percorrê-lo, senti-lo e compreendê-lo na sua materialidade e na sua dimensão humana — uma ideia cara à geografia histórica e que permanece plenamente atual. Neste sentido, o contributo aqui apresentado pretende integrar-se num esforço mais amplo de construção de instrumentos de leitura histórica da paisagem, capazes de articular passado e presente e de abrir novas perspetivas para a investigação futura.

FONTES CARTOGRÁFICAS

Carta Militar de Portugal [material cartográfico] – Série M888 – 1/25 000. Lisboa: Instituto Geográfico do Exército. Folhas n.os 122 a 323; 325AB a 332; 337 a 342 e 349 a 353.

EÇA, Lourenço Homem da Cunha de, e Romão Eloy ALMEIDA, grav. met., 1808. *Carta militar das principaes estradas de Portugal* [em linha] [material cartográfico]. Escala [ca. 1:470000]. Lisboa: [s.n.]. 1 mapa em 4 folhas, gravura, p&b, 74,50 x 136,00 cm, em folha de 91,50 x 143,00 cm [consult. 2021-01-21]. Disponível em: https://purl.pt/6302.

LOPES, Tomás, [post. 1782]. *Mapa general del reyno de Portugal*: *comprehende sus provincias, corregimientos, oidorias, proveedurias, concejos, cotos &c*. [em linha] [material cartográfico]. Escala [ca. 1:460000]. Madrid: [s.n.]. 1 mapa, em 8 folhas, gravura, aguarelado, dimensão total: 140,50 x 81,00 cm [consult. 2021-01-21]. Disponível em: https://purl.pt/26898.

SECO, Fernando Álvares, [fl. ca. 1559-1561]. *Portugalliae que olim Lusitania, novissima & exactissima descriptio* [em linha] [material cartográfico]. Escala [ca. 1:1300000]. Roma: [s.n.]. 1 mapa, gravura, p&b, 33,80 x 51,10 cm, em folha de 36,30 x 53,20 cm [consult. 2021-01-21]. Disponível em: https://purl.pt/5901.

FONTES

Mem. Paroq. 1758 (2009) = *As freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758. Memórias, História e Património*. Ed. de José Viriato CAPELA, Henrique MATOS, e Rogério BORRALHEIRO. Braga: [s.n.], 2009. ISBN 978-972-98662-4-1.

Mem. Paroq. 1758 (2010) = *As freguesias do Distrito de Viseu nas Memórias Paroquiais de 1758. Memórias, História e Património*. Ed. de José Viriato CAPELA, e Henrique MATOS. Braga: [s.n.], 2010. ISBN 978-972-98662-5-8.

Mem. Paroq. 1758 (2011) = *As freguesias dos Distritos de Aveiro e Coimbra nas Memórias Paroquiais de 1758. Memórias, História e Património*. Ed. de José Viriato CAPELA, e Henrique MATOS. Braga: [s.n.], 2011. ISBN 978-972-98662-6-5.

Mem. Paroq. 1758 (2013) = *As freguesias do Distrito da Guarda nas Memórias Paroquiais de 1758. Memórias, História e Património*. Ed. de José Viriato CAPELA, e Henrique MATOS. Braga: José Viriato Capela, 2013. ISBN 978-972-98662-7-2.

Mem. Paroq. 1758 (2019) = *As freguesias dos Distritos de Castelo Branco, Portalegre e Olivença nas Memórias Paroquiais de 1758. Memórias, História e Património*. Ed. de José Viriato CAPELA, Henrique MATOS, e Sandra CASTRO. Braga: José Viriato Capela; Henrique Matos; Sandra Castro, 2019. ISBN 978-989-20-9640-7.

Mem. Paroq. 1758 (2021) = *As freguesias dos Distritos de Leiria e Santarém nas Memórias Paroquiais de 1758. Memórias, História e Património*. Ed. de José Viriato CAPELA, Henrique MATOS, e Sandra CASTRO. Braga: José Viriato Capela; Henrique Matos; Sandra Castro, 2021. ISBN 978-989-33-2347-2.

Reportório toponímico de Portugal: 03 – Continente. Lisboa: Ministério do Exército, Serviço Cartográfico do Exército, 1967.

Roteiro Terrestre de Portugal. Em: João Bautista de CASTRO. *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*, *Roteiro Terrestre de Portugal em que se expõem, e ensinam, por jornadas, e summarios não só as viagens e as distancias, que há de Lisboa para as principaes terras das Provincias deste Reino, mas as derrotas por travessia de humas a outras povoações delle*. 2.ª ed. revista e aumentada pelo autor. Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, t. III, parte V, 1763.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge de, 2015. As terras da Ladeia. Em: Margarida Sobral NETO, coord. *Penela – Um percurso pelo tempo*. Coimbra: Palimage. ISBN 978-989-703-142-7.

ALARCÃO, Jorge de, 2013. *A Beira Baixa. Terra tomada sem guerra*. Coimbra: CEAUCP – Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto. ISBN 978-989-95954-5-3.

ALARCÃO, Jorge de, 2012. *As Pontes de Coimbra que se afogaram no rio*. Coimbra: Ordem dos Engenheiros (Região Centro). ISBN 978-989-8152-08-4.

ALARCÃO, Jorge de, 2008. *Coimbra: a montagem do cenário urbano*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. ISBN 978-989-8074-30-0. DOI https://doi.org/10.14195/978-989-26-0416-9.

ALARCÃO, Jorge de, 2002. In territorio Colimbrie: lugares velhos (e alguns deles, deslembrados) do Mondego. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Trabalhos de Arqueologia, 38. ISBN 972-8662-22-X.

ALARCÃO, Jorge de, 1993. *Arqueologia da Serra da Estrela*. Manteigas: Instituto da Conservação da Natureza, Parque Nacional da Serra da Estrela. ISBN 972-8083-02-5.

MANTAS, Vasco G., 1997. A Rede Viária no Território Português. Em: João MEDINA, dir. *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube, pp. 45-201. ISBN 978-844-07196-3-8. Vol. II: *O Mundo Luso-Romano*.

MANTAS, Vasco G., 1996. *A Rede Viária Romana da Faixa Atlântica entre Lisboa e Braga*. Tese de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

MATOS, Artur Teodoro de, 1980. *Transportes e Comunicações em Portugal, Açores e Madeira (1750-1850)*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.